

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranesense

DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Dámaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario — O Culto Mariano, *R. Moreno* — O Patriotismo, *João Mario* — O Odio Truão, *Rodrigo Moreno* — A uns annos (poesia), *Albano Bellino* — O instincto do sobrenatural, *Bruno d'Almeida* — Thréno, *A. Hermano* — Saudade (poesia), *M. Bello* — Meditações, *P.º Antonio Hermano* — Acta Mensis.

ACTA MENSIS

A imprensa e «o Collegio de S. Damaso na educação e no ensino»

Varios jornaes referiram-se muito lisongeiramente ao opusculo «*O collegio de S. Damaso na educação e no ensino*». Não resistimos ao desejo de transcrever aqui algumas d'ellas.

Damos em primeiro logar a apreciação da *Aurora do Cavado*, escripta pelo dr. Rodrigo Velloso, o distinctissimo critico bibliographico que todos conhecem e admiram

«**P. Antonio Hermano. O Collegio de S. Damaso na educação e no ensino**—Se desde muito não houveramos formado juizo sobre as excellencias do Collegio de S. Damaso em Guimarães, sob os diversos pontos de vista por que se deve encargar e estudar uma moderna casa de educação, bastaria a radical-o excellente em nosso espirito a leitura do opusculo que temos presente

e que acabamos de percorrer, intitulado «*O collegio de S. Damaso na educação e no ensino*» pelo snr. P.º Antonio Hermano.

N'elle se dá e expõe resenha rapida, mas substancial, de tudo o que respeita a esta casa de educação, talvez a primeira entre as tantas que funccionam no nosso paiz, sob seus multiplices aspectos, instructivo, educativo, alimenticio, hygienico, disciplinar etc., e á evidencia se testemunha que os directores do Collegio de S. Damaso bem têm comprehendido a missão de que sobre seus hombros tomaram o peso e as responsabilidades, e bem hão correspondido ás obrigações que estas lhes impõem.

Se para isso disposessemos de espaço, longamente, e com satisfação, entraríamos em minuciosa exposição e analyse de todos os diversos capitulos que constituem este voluminho, sobre a excellencia do «*edificio e local*» em que está instalado, sobre a «*alimentação*», sobre o «*passadio e tratamen-*

to», sobre «recreio, jogos e passeios», sobre a «religião e aula de educação», que não conhecemos em outro algum collegio, sobre «disciplina, premios e castigos», sobre a Associação de S. Luiz, que pelo modo por que está montada tão fructificadora de bons officios e resultados é para os alumnos do collegio, seus socios, sobre as «aulas, estudo, methodo de ensino», etc... e com essa analyse evidenciariamos a verdade da affirmativa que já formulamos e repetimos, quanto a ser o Collegio de S. Damaso uma das primeiras, senão a primeira, casa de instrução e educação do nosso paiz.

Como assim não podemos ir atraz da vontade, limitar-nos-hemos a apresentar a nossos leitores os resultados finaes dos exames feitos por alumnos d'este collegio nos poucos annos que, conta de existencia.

No da 1891 a 1892 fizeram seus alumnos 169 exames e foram 157 as approvações, com algumas distincções.

No anno de 1892 a 1893 foram 183 as approvações com 9 distincções n'ellas, e apenas 6 reprovações.

No anno agora terminado de 1893 a 1894 elevando-se o numero dos alumnos internos a 130, fizeram-se 200 exames, com 192 approvações e 25 distincções.

Com esta nota encerramos esta noticia, congratulando-nos com a direcção do Collegio de S. Damaso e especialmente com o rev.º Antonio Hermano, a cuja poderosa iniciativa e perseverança são devidos principalmente tão opimos resultados.»

Rodrigo Velloso.

No *Correio de Lamego*, diz o distincto escriptor catholico P.º José Victorino Pinto de Carvalho:

«O Collegio de S. Damaso na educação e no ensino.—Recebemos um opusculo assim intitulado, escripto pelo rev.º snr. P.º Antonio Hermano, um dos directores e professores do dicto collegio.

E' novo este importante estabelecimento litterario. Conta apenas quatro annos de existencia; mas neste curto

espaço do tempo, tem exuberantemente mostrado a superior competencia de seus directores e professores, na educação litteraria e moral dos alumnos.

Publicando este opusculo não teve em mira a direcção do collegio fazer um reclamo espaventoso. Isso é proprio de charlatães: e o Collegio de S. Damaso tem por professores o directores cavalheiros de toda a respeitabilidade.

O seu fim é muito outro. E' expór clara, minuciosa e sinceramente como o collegio se desempenha do seu dever, e como corresponde á confiança dos paes, que lhe confiam seus filhos.

Se alguém nutriu duvidas a este respeito, ou ousou levantar suspeitas contra o collegio, deve o opusculo varrer inteiramente umas e outras no animo de todos.

Principiando pela descripção do edificio, o antigo e celebrado convento da Costa, e da sua magnifica situação, não deixa o auctor de tractar ponto algum, dos que respeitam aos requisitos exigidos em um bom collegio, mostrando que a todos elles satisfaz plenamente.

A alimentação, os recreios, jogos e passeios, a educação religiosa, os premios e os castigos, os methodos de ensino e outros muitos assumptos, todos tem no opusculo o seu capitulosinho, onde em poucas palavras, sem redundancias fastidiosas, mas em linguagem simples e candida, como a verdade que exprime, se expõe a linha, que no collegio se segue a respeito de cada um dos assumptos, de que trata.

Pelo que vemos do opusculo e sabemos de familias de alumnos, que o frequentam, não duvidamos asseverar que é este um collegio modelo, e que os paes podem confiar-lhe seus filhos, na certeza de que serão tratados com todo o carinho, e que a sua educação moral, religiosa e litteraria nada deixará a desejar.

Na ultima epocha de exames, teve este collegio, no Lyceu de Braga, 192 approvações, 26 distincções e apenas 7 reprovações!

Estas cifras fallam bem alto a favor da competencia litteraria dos respeitaveis professores, do excellente methodo de ensino usado na casa, e tam-

bem da applicação dos alumnos, sem a qual tudo seria perdido.

D'esta competencia já deram brilhantes testemunhos, o decano do Lyceu de Braga, o ex.^{mo} snr. dr. Pereira Caldas, e o ex.^{mo} snr. dr. Sousa Gomes, lente de Philosophia na Universidade de Coimbra, no discurso proferido na sessão solemne da distribuição dos premios, a 11 de dezembro de 1893.

As palavras d'estes dous importantes vultos do nosso professorado secundario e superior, proclamaram tão alto a competencia e valor do collegio de S. Damaso, que não sabemos de outro, que possa ostentar tão gloriosos trophæus e orgulhar-se de tão honrosos pergaminhos!

Os nossos cordeaes parabens aos illustres directores e professores, por terem elevado a tal altura o seu collegio, e aos alumnos que tem a felicidade de ter por mestres e directores, cavalheiros tão competentes e zelosos.

Reitor de Mancellos.

(Continuaremos).

Premios e castigos

(EXTRACTO)

Os premios e os castigos sempre foram tidos como um dos mais valiosos recursos da pedagogia, recorremos pois a elles como fazem todos os educadores.

Antipathisamos sinceramente com os castigos corporaes; por isso os restringimos muito, como pôde ver-se no *regulamento dos professores*, e estamos no proposito de mais os restringir ainda, ou de os abolir por completo. Não occultamos todavia que sendo applicados com muito criterio, lhes reconhecemos algumas vantagens nas aulas de instrução primaria principalmente, cujos alumnos pelas tendencias da idade, mal se resignam ao estudo, e ficam indifferentes perante os melhores estímulos moraes e racionais.

Afóra esses casos exceptionaes, em que o brio não existe ainda ou se extinguiu totalmente, optamos vivamente pelos castigos moraes, que appellam para o coração e para a intelligencia das creanças,

para os bons sentimentos, para a honra, para o dever. Assim se attinge muitas vezes o alvo, pelo caminho suave de benevolencia e mesmo da afeição, sem os arrippios irritantes do amor proprio e do desgosto, que insurge e desanima.

A reprehensão particular primeiro, depois publica, a retenção durante parte d'algum recreio mais longo, a obrigação de escrever o rosumo (não o texto) d'uma lição mal preparada, as más notas, os avisos dirigidos ás familias, a exclusão momentanea d'uma aula e a expulsão para os casos de immoralidade, insubordinação e reconhecida inaptidão, eis os castigos que nos parecem mais pedagogicos e que por via de regra empregamos.

Se os castigos são uma reconhecida necessidade para manter a disciplina e para promover o adiantamento, os premios são tambem de notavel utilidade: se é necessidade reprimir os delictos é conveniente animar o bom procedimento, estimular o esforço, o trabalho, o merito.

Os premios mais aconselhados e por nós tambem adoptados são: o elogio solemne e publico, as boas notas lidas em plena commuidade e communicadas ás familias, passeios extraordinarios, a preferencia para algum cargo escolar que signifique confiança e consideração, dadivas (estampas, livros, medalhas) e a publicação dos nomes dos laureados em listas ou quadros honorificos.

No dia de S. Damaso, 11 de dezembro, costuma haver uma solemne e magnifica distribuição de premios presidida por alguma personagem distincta (*) em que se distribuem medalhas aos collegiaes que obtiveram a nota de *muito bom* quer em merito literario quer moral, diplomas aos que obtiveram a nota de *bom*, menções honrosas aos que obtiveram a nota de *sufficiente*.

A. H.

(*) Em 1892 presidiu o ex.^{mo} snr. dr. José Maria Rodrigues, lente de Theologia na Universidade e em 1893 o ex.^{mo} snr. dr. Sousa Gomes, lente da Faculdade de Philosophia.

Aula de educação religiosa e civil

(EXTRACTO)

E' summamente benefica, muito mais do que outras com que os programmas officiaes tentam converter creanças em sabios. Para o reconhecer basta considerar-lhe o assumpto. Grava o sentimento religioso pela explicação circumspecta do catholicismo, desenvolve os nobres sentimentos moraes, apura os costumes, facilita e aprimora as relações sociais, combate as más inclinações, as paixões, os vicios, os maus habitos.

E' este o ambito d'esta aula, é esta a sua salutarissima missão.

De muito boa vontade lhe concederíamos um lugar entre as aulas diarias se não fosse a continua pressão do ensino literario. Foi semanal; esperamos que no proximo anno lectivo seja bisemanal.

Por sua natureza se dividiu ella em duas secções:—educação religiosa e educação civil. Na primeira ensinaram-se e explicaram-se os princípios da doutrina christã; na segunda, a civildade, elementos de hygiene, economia domestica, etc.

Todos comprehendemos que á aula não ha de restringir-se este ensino: todos os actos da comunidade os podemos converter em aula, dando uma reprehensão a proposito, frizando a fealdade d'esta acção, elogiando aquella, chamando a atenção para o dever, inculcando uma verdade, rebatendo um erro, profligando sempre os maus instinctos, cultivando com desvelo as boas tendencias, os esforços para o bem e sobretudo prégando com um exemplo immaculado.

Assim fructificará a educação.

E, n'este sentido que havemos de dirigir a batalhando quanto seja possivel contra o fatal exclusivismo literario, que algumas vezes produzirá sabios, mas raro dará homens para quem a honradez seja um timbre e o dever uma estrella.

A. H.

Associação de S. Luiz

(EXTRACTO)

Não queremos que a educação seja absorvente o despotica, queremos sim que aos collegiaes fique a possibilidade de ma-

nifestarem e desenvolverem a sua iniciativa, a sua personalidade.

Entre outras medidas n'este intuito tomadas creou-se e installou-se a Associação Escolar de S. Luiz.

Tem estatutos, adquiriu já uma formosa imagem de seu patrono e uma rica bandeira de seda bordada a ouro e fez duas magnificas festas.

Ha eleições annuaes sendo a meza escolhida d'entre os alumnos e havendo n'ella apenas um membro do professorado com o titulo do *Presidente Nato* para dirigir os mezarios incipientes.

Tem sessões mensaes que correm com muita regularidade e em que se respeitam as praxes todas d'assembleias identicas. Nas ditas assembleias, ordinariamente presididas pelo *Presidente Nato* discutem se, ás vezes acaloradamente, os negocios da Associação surgindo propostas, protestos, discursos com o seu carioso cortejo de incidentes instructivos, uteis.

Uma vez por outra convertem-se essas reuniões em academias literarias; uns alumnos recitam poesias, outros discursam e alguns professores dam-lhes o exemplo.

Em tudo isso se respeita quanto ser pôde a acção dos socios para que seja effectivamente uma excellente escola, um valioso ensaio de vida practica, para que combatam o acanhamento, para que equilateral bem, uma vez por outra, o que vale e o que peza uma responsabilidade, uma iniciativa, um esforço; para que aprendam a occupar com brio um lugar e a desempenhal-o com honra.

Portanto não exageremos se considerarmos esta prestimoso Associação como um fecundo elemento de educação social e religiosa.

A. H.

Cartaz

— A entrada geral para o Collegio é no dia 4 de outubro.

— Os alumnos que actualmente estão no collegio, incorporaram-se na grande peregrinação á Penha levando a formosa bandeira da Associação de S. Luiz.

— É avultado o numero de novos alumnos que têm pedido a admissão.

O CULTO MARIANO

Os annaes da Igreja são uma grandiloqua epopea composta em honra da Immaculada por quantas gerações de crentes viveram á sombra amiga da cruz.

Maria é o ponto centrico d'um culto tam ardente que linda pela adoração, d'um amor tam sentido que é quasi um delirio. Em torno ao altar da Virgem rumoreja um cortejo immenso e beija a fimbria de seu manto azul como o firmamento e tece-lhe grinaldas perfumadas de amores e entoalhe hymnos quentes de fé.

Na luzidissima corolla d'esse farto cortejo brilham os mais gloriosos luminares da Christandade.

Os escriptos de S. João Damasceno e de Origenes, de S. Cyrillo e de Santo Agostinho, de Santo Ildefonso e de Santo Ambrosio são outros tantos hymnarios inspirados em honra da Immaculada. Em seu louvor compôz S. Boaventura um psalterio sentido e apaixonado como um canto de Vergilio. E S. Bernardo, cuja alma, mystica como a de Santa Thereza, era agitada e vehemente como os cachões das catadupas, fez da sua vida angelica um lausperenne ininterrupto á Mãe de Deus.

E os Pontifices em sua latissima serie de desenove seculos, desde S. Pedro—a testemunha presencial do seu amarrissimo penar—até Pio IX que lhe pôz na corôa celica a gema mais fulgida, até o sapientissimo Leão XIII que tem inculcado com insinuante e paternal persistencia a prestigiosa devoção do rosario, todos em primorosa competencia foram campeões emeritos e apóstolos ardidos das ineffaveis perfeições de Maria.

E não vemos nós tambem os grandes concilios, em justa de primazias com os Summos Pontifices, lavrarem canones que são estrellas pedidas ao firmamento da fé e engastadas no aureo manto da excelsa Virgem—a constellação divina—? Acaso esquecemos já, que lá além, ainda no dilu-

culo da Igreja, a numerosissima assembleia ecumenica de Epheso a definiu—Dei para — em meio da mais solemne, jubilosa e estrepitosa ovação que jamais estrugiu do peito da multidão delirante? e que o muito luzido e excepcionalmente conspicuo concilio de Trento declarou aceitar essa crença cuja conversão em dogma o anno de 1853 festejou com a mais retumbante e sincera explosão de regosijo?

Tambem a esse concerto melodico como um spartito de Mozart se allia e casa a grande voz d'esses egregios avia-rios de sabios que se chamam academias. Durante a fecundissima Edade-Media, na sapiente Universidade de Paris, nas mais illustres da Italia e da douta Hespanha e na de Coimbra, então florescida com o vicôr mais loução de seus tempos d'oiro, jurava-se defender a Immaculada Conceição.

Que magnifico preito a sciencia rendia á fé! Então, crente e pia, não córava aquella de dar a esta o osculo doce de filha: irmanavam-se e a par abriam a estrada siderica d'um progresso santo. Era vél-as semear aos braçados sobre o coração da humanidade as rosas brancas da caridade e espargir a feixes, sobre o pensamento a luz solar da verdade. Hoje a sciencia é filha prodiga, irmã cruel: quiz-se libertar dos abraços do amor, subir ao cairel sinistro dos abismos, e ir sem roteiro certo, sem quadrante, sem sol, á mercê de procellas descaraveis abrir o ventre negro da treva insondavel. Pobre rola perdida do ninho no terror da cerração! quando será o dia santo em que voltarás contricta a beijar a fé, tua irmã mais velha?

Inimigas não sois: veio-vos e vida a ambas de Deus; heis de voltar a união primeira. Duvidaes? Interrogae então os talentos descommunes de Bacon e Newton, Euler e Kepler, Pascal e Leibnitz, Balmes e Cortez, Lacordaire e Fraissinous, Ventura e Secchi, Moigno e Claude Bernard... todos estes, e outros que são innumeraveis, foram a um tempo ornamentos primaciaes de sciencia e fulgurancias do templo: foram sabios entre os sabios e crentes entre os primeiros.

A esse côro de consonancias que cingem o altar da Virgem não ficaram indifferentes os reis e os povos: vemos por exemplo a França de S. Luiz abroquelar-se sob a sua egide potente e benefica, e Portugal, redimido da ferrea escravidão iberica, consagrar-se-lhe unanime nas côrtes de Lisboa, em 1646.

Merecidissimo, justissimo preito! É a gratidão rendida ao beneficio, é a fé genuflectindo ante o poder, é o amor pagando o amor.

Hoje o culto á Virgem, seguindo na trajectoria dos exemplos historicos, alarga-se magestosamente no coração de toda a humanidade crente: esplende gallardo, enraiza-se fecundo, ondequerque o Christo tem a sua cruz erguida e amada. Do paiz frio da indifferença para onde os encyclopedistas approáram a sua galera, da viagem infindavel, immensa, para onde a razão sosinha a guiou, volta a humanidade ao culto da affectividade, comprehendendo alfim e ainda bem, que no homem ha muito mais do que as fulgencias do intellecto, embora elle se alteie provído dos potentes remigios de sua audacia solta. Volta a humanidade ao culto do coração, ao aconchego bom e doce do sentimento, e escolhe para typo, que alevanta n'uma ara celica, a imagem radiosa de Maria.

Bemdigamos a suspirada aurora...

R. Moreno.

O PATRIOTISMO

Dulce et decorum est pro patria mori.
Hor. ode 2.^a, 1

E' o mais nobre e generoso dos sentimentos.

E' o mais arrojado o mais sublime, o mais audaz, o mais vibante, o mais opulento de enthusiasmos!

E' incoercivel e indomavel como as grandes torrentes oceanicas.

Commove e seduz, impelle e arrasta, electrisa e fulmina.

Ha n'elle o rubro fuzilar do raio, o magestoso ferver das vagas, os ecos profundos do trovão, os rugidos terrificos das procellas, o cheiro acre da polvora, e o retinir das armas polidas.

Põe na alma impressionavel das populações, impulsos epicos, fremitos insoffridos, gritos de furor, e lagrimas de louca raiva.

E' nos foracs d'este nobilissimo sentimento que se admiram as mais fogosas heroicidades, a coragem mais leonina, as mais bravas dedicações, os mais prodigiosos arrebatamentos e os mais prestimosos rasgos do coração humano.

Ha n'elle o sacrificio do pelicano e a furia do jaguar.

Para não arrastar as ignominiosas grillhetas da escravidão, para não ver aviltada no lodaçal da deshonra a nossa bandeira querida, para não ver retalhado por bandidos o solo da patria, não hesita o patriotismo em arcar com soberano denodo, contra os mais formidaveis colossos, não recua cobardemente diante das selvas fumegantes dos couraçados, não se some diante de poderosas hordas armadas, não treme diante das grandes baterias. O patriotismo é a faisca electrica que transforma a pomba em aguia e o cordeiro em tigre.

A patria é o nosso idolo mais estremecido.

Se alguém se lembra de levantar contra ella mão sacrilega, sentimo-nos tomados do delirio da vingança, ferve-nos o sangue nas arterias, ergue-se em todos os peitos um rugido de colera, e se a vingança armada é impossivel, abrasa-nos a crudelissima dôr do desespero.

E é justissimo esse culto fervoroso que prestamos á imagem veneranda da Patria, porque ella é o symbolo augusto de tudo o que nos é mais caro, é a fulgurante synthese de nossas affeições mais puras.

A Patria não é sómente um pequeno tracto de terra banhado por um quente e bello sol; a patria é tambem a religião de nossos maiores, é a nossa historia de muitos seculos, onde o buril da coragem gravou em lapides de diamante a memoria dos mais ousados e illustres feitos, é a nossa formosa literatura, tão galharda e tão recamada de louçanias e tão prodigamente fecunda em aureos padrões immorredoiros, são as nossas tradições cavalheirosas, em que tufa o brio e a nobreza d'um povo profundamente apaixonado pela sua antonomia, são os nossos costumes, as nossas instituições religiosas, civis e politicas, os nossos homens publicos...

Tudo isto é a nossa patria, por isso, devemos ir postar-nos no mais vivo da refrega e defendel-a como defenderiamos o nosso proprio coração.

João Mario.

O ODIO TRUÃO

No mundo moral e intellectual existe tal qual na ordem phisica uma certa lei de gravitação.

Cada epoca historica é rubricada por um nucleo de ideias centricas e dominantes, que determinam a corrente maxima da opinião. Cada paramo da vida social possui no centro de sua labutação intellectual, uma orientação fixa, um principio mais ou menos vagamente concebido, em volta do qual espiralam quasi todos os que se arvoram em timoneiros do pensamento.

Ora a ideia que rubrica a nossa epoca, e se estampa em grosso normando no frontal de nosso ciclo, a tendencia geral da moderna educação philophica, litteraria, artistica e politica, é:—a completa emancipação de todo o autoritarismo tradicional, de todos os apriorismos de escola ou de seita.

Mas ao que n'esta evangelisação de ruina, se visa antes de tudo, é á emancipação religiosa, e como a religião catholica é a unica que offerece uma resistencia tenacissima, é contra ella que se volta de preferencia o alferce demolidor.

Portanto, o primeiro dever d'um homem que se prese de ser filho d'este seculo tão *alumiado*, é — odiar mortalmente essa religião, que se afoita a oppor o seu anathema aos desmandos d'uma civilisação arrogante e exclusivamente material.

Abaixo o catholicismo —, eis o grito que arregimenta os novos janizaros.

*

* * *

E esse odio que germina no andar raso das paixões, salsugem do materialismo, que nos provoca impetos de nausea e frouxos de hilaridade, pela vileza de seus instinctos e pelos tregeitos grotescos de mômo, é infinitamente divertido, se o consideramos na assombrosa agilidade com que se ageita ás multiplices mutações scenicas que ensaia.

Algumas vezes quer fazer de pessoa bem educada e apparece de luvas. A voz austera e grave lembra um Catão, e a solemnidade tragica dos conceitos eruditos e profundos, lembra a inspiração que out'ora convulsionava a Sybilla, ao desvendar os misteriosos fados. Como tem um coração sensivel e carinhoso, mostra-se compungido pela desgraça que nos assoberba. E então o hypocrita e felino trava-nos do braço e diz-nos muito a serio: — Meus bons e ingenuos catholicos, vede que breve ireis a pique! Essa pobre barça que é a Egreja, já mette agua por muitos rombos, já se lhe desconjuncta o cavername. Não acrediteis que Jesus a fizesse eterna, para vogar á flor de todas as crises humanas; encontrar-vos-hieis literalmente illudidos. Se tentaes superar os seculos heis de transigir com a lei da perfectibilidade.

Portanto a essa antigo galeão arruinado, substitui um bom navio moderno: ou, mais claro: desenvinsilhae o catholicismo das bafientas velbarias com que o deformam; submettei-o pressurosos á grande evolução scientica e social, tão imperiosamente exigida; não vos deixeis ficar chumbados á rocha caucasica de vosso credo medievico n'um nirvana imbecil.

Sus emquanto é tempo! á manobra! aferrae, presto, o amplo e espelhado porto do progresso!

O meu conselho é lavado e franco como a voz da amizade; se o não seguirdes, a breve trecho sereis de todo esmagados pelos rodas fervidas da civilisação. . .

*

* * *

Outra vezes, esse odio avido de expandir-se, como as emanações deleterias dos charcos estagnados, afivela ao rosto alvar d'arlequim, a mascara livida da indiferença, e entre um desdem de gran senhor de comedia buffa, e uma galhofa de cantina equivocadamente espirituosa, eructa aos dignos collegas, estas e quejandas sandices: —

Quereis matar o velho Romanismo, amarrando-o qual Judas, ao poste da gargalhada que fastiga e avergoa como a pita de um chicote, e ao eculeo da critica que retalha a fere como um bisturi? Forte ingenuidade! para arremessar á valla esse organismo anemico que já mal aguenta o peso de si proprio, a guerra é um cumulo de quixotismo; o desprezo é que deve ser o seu coveiro. Esphacelar-se-ha de per si como um cadaver insepulto; cahirá espontaneamente como um galho podre.

Muito ha que esse odioso Titan depois de ter tido a insana velleidade de querer dominar o mundo, foi justamente fulminado pelo moderno Jupiter Tonante—a sciencia.— Deixemol'o pois ficar para ahi ao deusdará, arrastando a grillheta de sua impotencia!

*

* *

Mas no rico guarda-roupa do truaneseo saltimbanco, entre quantas bugigangas de lata e papelão se podem desejar n'uma comedia de feira, ha mascarar para os mais estranhos gostos, desde as hediondas contra as quaes o estomago protesta engulhado, até ás picarescas que causam apoplexias de riso.

Graças a tão variados recursos de *mise-en-scène*, apraz-lhe ás vezes ao tosco maninelo, armar-se de D. Quixote, cingir a durindana brunida dos dias solemnes e esgrimir furiosamente. Inflammado pela obsessão da guerra religiosa, parece um spartano--no porte terso, altivo e marcial, e um tigre no arrojo sanguinario. A sua armadura é a lama vil da injuria suez, a corda bamba do sophisma, o punhal da calumnia, o riso cynico dos esquecidos do bom senso, a critica inconsistente e vesga!... E' sicario e tartufo.

Mas deixem passar o truão... é o porta-bandeira da impiedade; é o esganiçado corneteiro d'uma falsa civilisação, businando como um energumeno o funil sonoro da liberdade. Matem-no á gargalhada!

Rodrigo Moreno.

A UNS ANNOS

D. L. L. O. C.

De Março o dia
Vinte com trez,
Eil-o! irradia
Mais uma vez.

Tão formoso,
Tão feliz,
Inditoso
Quem o diz?

Bem vindo seja!
Que a Primavera
Sempre festeja
Quem co'ella viera.

Aves, flores,
Rios, prados;
Mil primores
Decantados;

Tudo seus preitos
D'annos lhe rende,
Com taes effeitos
Que só comprehende.

Quem da vida
Segue a estrada
De Deus querida,
Bem traçada.

Meu coração
Alegremente,
Exposição
Faz do que sente:

Annos faça
Prolongados
Das desgraças
Ignorados.

O INSTINCTO DO SOBRENATURAL

Não conheço nada mais fundamente radicado no espirito do homem, nada, mais intensamente impresso no coração dos povos do que o instincto do sobrenatural.

Quando contemplo essa maravilhosa visão dos tempos que se chama, historia, e vejo passar deante de meus olhos assombrados essa immensa serie progressiva e ascensional da humanidade, na multiplicidade das objectivações sociaes, fitando sempre, sempre, essa estrella de primeira grandeza, que o mundo adora sob o nome de—Deus—, não posso deixar de exclamar: — a crença em Deus não é para o homem um mero effeito atavico do sentir harmonico e pluri-secular das numerosas gerações nossas ascendentes, nem é tampouco uma resultante forçada da pressão violenta que a opinião publica exerce sobre a nossa intima modelação intellectual: Deus affirma-se na consciencia universal, simplesmente porque existe.

A lição da historia é ponderosa, e o seu testemunho in-contrastavel: e ella diz-nos que Deus ha sido em todos os tempos, o centro de vasta laboração intellectual e socio-nomica.

Portanto, quando a tela illuminada da historia nos mostra uma longa serie de Divindades, constituindo o quadro polychromo de tam numerosas religiões, quando vemos os egypcios adorando Osis e Osiris, os persas sacrificando a Ormuzd e os chaldeus adorando Baal; quando vemos os hebreus prostrados deante de Jehovah e os indios constituindo essas duas importantes theogonias que se chamam—Brahmanismo e Budhismo e levantando aras á sua Trimurti, emquanto os chinezes consagram templos a Fo-hi; quando vemos os gregos e os romanos fundando uma vastissima hierarchia de numes e deidades espalhadas pelo Olympo siderio e pelo profundo Erebo, desde Jupiter impudico e Juno insidiosa, até á multidão innumeravel dos Lares e dos Faunos,

das Nymphas e dos Satiros, das Musas e dos Genios; quando vemos as populações mais barbaras, cegas e ferrenhas no culto grotesco que votam a seus inverosímeis fetiches, sem encontrarmos uma unica tribu, desde o nyambanas até os esquimós, desde os pelles-vermelhas até os australianos, que não possua a ideia mais ou menos nitida, mais ou menos clara d'um agente sobrenatural; quando tudo isto vemos, não podemos deixar d'exclamar com toda a força d'uma convicção profunda:—a religiosidade é para o mundo moral o que a lei da gravitação é para o Cosmos; é uma força ingênita que nos arrasta para o Infinito.

Negar Deus e a necessidade da religião é exorbitar da linha coimbrã do sentir humano. Fazer do homem um animal irreligioso, arrancar-lhe do coração o bello e imprescindível instincto da fé, atheisal-o, varrer-lhe da mente a ideia de Deus, é convertel-o n'uma fera perigosa, é mutilar-lhe a essencia, é abrir passagem franca e larga a uma torrente volcanica de vicios, é empurrar-o pela encosta ladeirenta da perdição, é partir todos os liames da organização social, é dizer ao bandido: — rouba, uma vez que evites o latego da lei—; e ao devasso — á vontade: esgota até o tedio o calix doirado da lascivia, que Deus, a chimera que nós expozemos ao sarcasmo publico, é já agora mumia inoffensiva: á vontade, cerdo, podes revolver á solta todo o chiqueiro da ignominia.

O homem é, para assim dizer, um vulcão em perenne ignição. No seu intimo, fremem, brigam, estuam, em luta surda mas assídua, sentimentos que se chocam, tendencias que se arrepelam, instinctos que se cruzam e contradizem. E' o eterno embate do bem e do mal, é o espectro sinistro da queda original, que para sempre desequilibrou as forças psychicas. Precisa pois de ter um principio superior que o norteie, que o salve do naufragio do mal a que a culpa adamica o fez atreito e lhe aponte desassombradamente para o Infinito.

Esse norte, essa bussola, esse astro luminoso ao qual

devemos estar sempre attentos, se quizermos abicar o caes do nosso destino, é Deus, é a religião, é a crença.

Sem esse guia salvador seria o homem como navio desarvorado pela mão furiosa da procella e arremessado no dorso das ondas, contra a dentuça anavahada de tredos baixios; seria a viva encarnação do vicio campeando, á luz meridiana d'uma desvergonha inedita, um completo pandemonio de tramas tão vis como um beijo de Judas e tão sordidas como os epicurismos de Capréa.

Sociedades tem havido em que o sentimento religioso é tibio como o broxulear d'uma lampada prestes a extinguirse. Pois bem: confrontae-as com aquellas em que a religião é um sentimento fervido de convicção e rico de enthusiasmos sinceros, e vereis quão largos, quão profundos abismos as separam.

Aquellas, vemol-as apodrentadas pela mais execranda desordem; afistula-as o roubo descarado e a licença devassa, a vadiagem—fermento d'insanias—e o luxo para o qual a economia politica não inventou panacêa. Urdem em surdina a emmaranhada teia de mil desordens e mentiras e a crápula hidropica.

E' a anarchia em festa tripudiando alvarmente n'um tremedal mephitico.

Estas, ao inverso, porque o influxo da religião se filtra em todas as instituições como o veio d'agua em todos os intersticios da rocha, illumina-as a fulgencia limpida das virtudes civicas e domesticas, e as cadeias despovoam-se, porque o espirito de Deus vela pelo homem e evita que se avolume a cifra da criminalidade. A voz magica e meiga da caridade e da sublime fraternidade universal, fomenta e regula a harmonia dos individuos, vincula as familias com os dois laços fortes e duraveis do amor e da religião, estreita os povos, aproxima as raças e aplanam a grande obra christã da unificação da humanidade. A' sombra benefica dos grandes principios religiosos que cimentam e garantem as relações sociaes, desenvolvem-se prodigiosamente e prosperam amplissimamente as industrias e o commercio, como o fecun-

do solo americano copulado pela quente luz do sol se desentranha n'uma vegetação luxuriante de robles gigantescos.

A religião é sobre tudo a copella que apura a educação, desbastando as asperezas de character, é o buril que panneja com paciente amor o marmore alvissimo d'espíritos innocentes, é a lima que morde, afeiçoa e modela de vagar mas com tenacidade, as almas juvenis, cortando-lhes desde os verdes annos todas as tendencias ruins ainda mal germinadas ou vagamente presentidas, para as transformar em homens que serão rutilas encarnações do bem e da honradez intemerata, caracteres fidalgos e generosos espelhados e lisos como a verdade. N'este mister noblissimo a religião é semelhante ao escriptor que d'um anguloso bloco de arranca um primor hellenico.

Deus é pois a unica garantia firme de toda a ordem social.

Bruno d'Almeida.

THRÉNO

Era á hora nona.

A brisa palpitava fagueira e na faxa longinqua do horizonte desenhavam-se magos tons de opala. A tarde desmaiava e a palpebra escura da noite caindo manso e manso sobre a pupilla inflammada do sol apagava as ultimas flechas de luz que afogueavam os miranetes da cidade e os visos das montanhas.

A's portas de Jerusalem—a deicida—no alto d'um madeiro infamado soluçava seu ultimo alento o Filho de Deus! Das travas da cruz o sangue manava. O sangue? não: a luz, a vida, o amor, a justiça, a redempção social; porque aquelle sacrificio infinito transfundiu-se nas arterias do mundo—um cadaver—e opulentou-o de seiva creadora—a vida—.

Mas ali não agonisava só o Christo: as irradiações

poentes que beijavam a face livida do Filho eram agudas pontas d'aço que varavam o peito da Mãe lacrimosa.

Juncto da Cruz agonisava a Nazarena sublime: o sangue que das chagas do Justo corria, escaldava de dores o coração d'aquella estatua da amargura, e as gargalhadas cinicas da plebe crua e ebria retiniam a seus ouvidos como um festim de furias.

Malditos! riam da suprema desgraça.

Cobardes! rasgavam com ancia de hienas o coração d'aquella mulher que já nem lagrimas tinha!

Por fim o excesso do soffrer petrificou a; partiu-lhe uma por uma todas as cordas da alma, roubou-lhe o sentimento da vida e o desafogo do pranto: muda, immovel, insensivel, martir, fitos os olhos chorosos no corpo sangrento do Filho justificado, ali ficou cadaver tambem, cristalizada na dôr mais indefinivel!

E enquanto assim haurias o absinto de todas as amarguras alteavas-te á missão divina de redemptora, ó Nazarena Sublime: chamavas a mulher ao convivio das sociedades livres, e creavas esta trilogia santa — filha esposa e mãe: creavas o sanctuario bemdito da familia.

Desde então a mulher nimbrou-se de graças aureolou-se de virtudes. Foi a sacerdotiza do lar: guiou o esposo pela mão do carinho á estrada recta do dever e aos filhos — mimosas sensitivas — mostrou-lhes com o primeiro leite e com os primeiros beijos a via angelica da honra.

Bem dita redempção!

Assim se cumpria a grande tragedia e as prophcias dos videntes do povo eleito. Sob o velamen magnifico do firmamento á luz gloriosa das estrellas, em meio da orchestração sentida que o mundo soluçava, succumbia por salvar o homem, o Deus Creador que povoou os immensuraveis espaços!

Mas não era Jesus quem ali verdadeiramente morria que um Deus não morre.

Ali suicidava-se uma sociedade inteira. Na cruz—equileo d'escravos malditos—a si mesmo se pregava o paganismo!

Ali se affundava a philosophia dos velhos sabios, e ruíam os grandes templos e os innumerados deuses e iniquos costumes!

Ali se derretiam as grilhetas do escravo almoedado na praça e da mulher mercedejada no prostibulo!

Ali evangelisava-se um código d'amor, um código que estreitava a humanidade toda no mesmo amplexo, desde o pária rôto e vendido, até Cesar purpurado e adorado!

Ali erguia-se unguida com o sangue do Verbo a cathedral santissima que em seu recinto vasto como vasto é orbe, acolhia com carinho, um ao lado do outro o homem que se sentava nos thronos e o que esmolava nos trivios.

A. Hermano.

SAUDADE E ESPERANÇA

Nas angustias cruéis do ajuntamento,
Em que a alma pena, e chora o filho amado,
Se pasce da *saudade* do passado,
Da *esperança* do porvir. o pensamento.

Oh! como ha de ser doce esse momento
Em que o sinto nos braços estreitado!
Hei de vê-lo, beijal-o, e inda enganado
Me cuidarei por tredo sentimento!

Subir-nos-a do peito o fogo ao rosto.
Já coberto das lagrimas gostosas
Que em si as grandes alegrias trazem.

Como nuvens que, o sol tendo interposto,
Ao tempo em que lampejam fulgurosas,
Em copiosa chuva se desfazem.

A. Moreira Bello.

MEDITAÇÕES

O remorso.

Surge-vos como uma larva hedionda na callada tragica da noite tenebrosa, põe-vos o joelho formidavel sobre o peito offegante, escancara-vol-o, força-vos a consciencia com tenazes de hiena e enterroga vos impiedosamente. Heis de dizer-lhe tudo, tudo! não vos deixa nas dobras do segredo a minucia

menor; cada fibra de voss'alma dorida ha de ella partil-a com mãos de Parca sorvendo-vos o sangue, a vida, n'um frenezi de delicia sotanica.

Fugis-lhe para muito longe? para onde a viração jamais sussurasse o vosso nome? para a solidão immensa? para os bosques sombrios? para o seio do grande mar? para o silencio, para a sombra?

Em vão, em vão, infelizes!

E' o vosso espectro, é a tunica de Nesso, não vos deixa! Durante o somno escalda-vos e, na vigilia apunhala-vos! se estudaes converte em tribunal, em masmorra o vosso gabinete e em inquisidores os vossos livros! Nos festins soberbos desenha a rir o seu *Mane Thecel Phares* por entre a espuma colorida das taças e os revérberos dos cristaes que faiscam! Se pensaes, lá vos baila macabro no pensamento, se viajaes lá vos surge medonho na estrada que seguís. E' a vossa mortalha! vae convosco até o tumulo!

O penitente.

Meu Deus, perdi-me! Fui levado como a penna leve, no torvelinho! errei como erra a mariposa fascinada do fulgor da chamma! o prazer infame arrebatou-me ao seio amante de fé, afoitou-me as azas a icareos arrojios e eu embebecido, louco, altivo, desferi, rasguei voos tão latos que em breve me encontrei no hemispherio tenebroso em que a consciencia se abisma á mingua de fanal.

Mas, Senhor, aqui estou a vossos pés, pungido de me haver lançado ao marulho do crime! cinge-me os rins o esparto do soffrimento. Para redimir-me da culpa maldita, irei meu Deus onde a vossa voz me chame: irei soluçar o meu *poetinet* no ermo ou no cenobio, á cabeceira do muribundo, aos pés do negro selvagem, onde o sol quecuna, onde o frio mata, onde as feras rugem.

A minha alma para conquistar o teu perdão pede, exora a cruz mais de ferro, o perigo supremo, a dôr que fulmine.

A. Hermano.